

O ESTRESSE NA ARBITRAGEM DE GINÁSTICA RÍTMICA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

STRESS IN RHYTHMIC GYMNASTICS REFEREEING: A SYSTEMATIC REVIEW

Paula Barreiros Debien^{*}
Franco Noce^{**}
Jurema Barreiros Prado Debien^{***}
Varley Teoldo da Costa^{****}

RESUMO

O estresse em árbitros tem sido objeto de estudo em várias modalidades esportivas, entretanto pouco se sabe sobre as interferências deste constructo na atividade de árbitros de ginástica rítmica (GR). O objetivo deste estudo foi fazer uma revisão sistemática sobre o estresse na arbitragem de GR. Foi realizada uma busca de artigos publicados entre os anos de 1993 e 2013 nas bases de dados Scopus, SPORTDiscus, SocINDEX e Web of Science. Os resultados apontam para um número reduzido de publicações sobre o estresse em árbitros de ginástica e também em outras modalidades. Foram identificadas particularidades entre os tipos de estresse das ginásticas e de outras modalidades esportivas. Conclui-se que o estresse que afeta as atividades laborais dos árbitros de GR possui características biopsicossociais e que existe necessidade de uma maior produtividade intelectual nesta área, objetivando avançar no entendimento de como estas variáveis interferem no desempenho destes profissionais.

Palavras-chave: Psicologia do Esporte. Árbitro. Ginástica.

INTRODUÇÃO

De uma forma geral, o estresse é resultado da interação do homem com seu meio ambiente físico e sociocultural (PIRES; COSTA; SAMULSKI, 2012; SAMULSKI; NOCE; CHAGAS, 2009) e pode ser compreendido como produto da tridimensionalidade entre os sistemas biológico, psicológico e social (SAMULSKI; CHAGAS; NITSCH, 1996; SAMULSKI; NOCE; CHAGAS, 2009). De acordo com Nitsch (2009), existem fatores pessoais (processos psíquicos e somáticos) e ambientais (ambiente físico e social) que interagem no processo de surgimento e gerenciamento do estresse. A concepção de

estresse, compartilhada entre diferentes autores, apresenta uma concordância unânime no que se refere à associação do estresse com um estado de desestabilização psicofísica ou a perturbação do equilíbrio na relação entre pessoa e o meio ambiente (FLETCHER; SCOTT, 2010; MELLALIEU et al., 2009; SAMULSKI; CHAGAS; NITSCH, 1996). Ainda segundo Nitsch (2009), investigar o estresse ou qualquer outro constructo psicológico sob uma perspectiva unidimensional e fora de uma abordagem ecológica produz uma visão reducionista sobre o constructo e descontextualizada das condições ambientais estabelecidas na relação entre o homem e o seu meio ambiente.

* Graduação. Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora-MG, Brasil.

** Doutor. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte-MG, Brasil.

*** Mestre. Colégio Militar de Belo Horizonte, Belo Horizonte-MG, Brasil.

**** Doutor. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte-MG, Brasil.

Dentro desta perspectiva tridimensional, o estresse é uma variável presente no contexto esportivo e influencia diretamente o desempenho de atletas (MELLALIEU et al., 2009; ROSE JÚNIOR, 2002) e treinadores (COSTA et al., 2012; FLETCHER; SCOTT, 2010). No que diz respeito à análise deste constructo psicológico, os árbitros têm recebido menor atenção nas investigações sobre os fatores causadores de estresse em suas atividades laborais esportivas quando comparados a atletas e treinadores (ANSHEL; KANG; JUBENVILLE, 2013). Entretanto, devido à interferência direta que o árbitro tem sobre o resultado final de atletas e equipes em competições, o foco dos estudos tem se direcionado, também, para compreender quais fatores podem desencadear o estresse na arbitragem (ANSHEL; KANG; JUBENVILLE, 2013; DORSCH; PASKEVICH, 2007; KAISSIDIS-RODAFINOS; ANSHEL; PORTER, 1997; MIRJAMALI et al., 2012; TSORBATZOUZIS et al., 2005; VOIGHT, 2009).

O estresse é vivenciado pelos árbitros de diversas modalidades esportivas e está associado às demandas sociais, psicológicas e biológicas que estes profissionais sofrem (COSTA et al., 2010; CUSKELLY; HOYE, 2013; HELSEN; BULTYNCK, 2004). Dentre os estudos que analisaram fatores estressantes na arbitragem esportiva, é possível notar que a maioria investigou árbitros de modalidades coletivas, como basquete (ANSHEL; WEINBERG, 1996; KAISSIDIS-RODAFINOS; ANSHEL; PORTER, 1997; MIRJAMALI et al., 2012; RAINEY, 1999; ROSE JÚNIOR; PEREIRA; LEMOS, 2002; SILVA et al., 2010; STEWART et al., 2004), futebol (COSTA et al., 2010; GENCAY, 2009; MIRJAMALI et al., 2012; VOIGHT, 2009), futsal (FERREIRA et al., 2009), handebol (MIRJAMALI et al., 2012; TSORBATZOUZIS et al., 2005), vôlei (MIRJAMALI et al., 2012; SILVA et al., 2010; STEWART; ELLERY, 1994), hóquei (DORSCH; PASKEVICH, 2007), rugby (RAINEY; HARDY, 1999) e beisebol (RAINEY, 1995). Observa-se que em todos os estudos supracitados a análise do estresse em árbitros não direciona o seu foco investigativo para os esportes individuais como, por exemplo, as ginásticas.

Tendo como base as evidências apontadas acima, o tema desta revisão sistemática será a investigação os fatores causadores de estresse em

árbitros de ginástica rítmica (GR). No âmbito das modalidades de ginástica oficialmente reconhecidas pela Federação Internacional de Ginástica (FIG), os estudos relacionados à arbitragem têm direcionado o seu interesse para investigações acerca do viés do julgamento (BOEN et al., 2008; FERREIRINHA; CARVALHO, 2012; HEINEN; VINKEN; VELENTZAS, 2012; LESKOŠEK et al., 2012; PLESSNER, 1999; POPOVIC, 2000; STE-MARIE, 1996), deixando de lado uma análise mais ampla dos fatores estressantes que interferem no desempenho dos árbitros de ginástica (DUDA; BORYSOWICZ; ST GERMAINE, 1996) e em especial na GR.

A arbitragem na GR, assim como na ginástica artística (GA), não dispõe de um sistema automático de medida, de modo que a função do árbitro é, primordialmente, a de avaliador do desempenho do atleta (BOEN et al., 2008; LESKOŠEK et al., 2012; OLIVEIRA; BORTOLETO, 2009; PEREDERIJ, 2013; ROSE JÚNIOR, 2002), o que aumenta ainda mais a sua responsabilidade (FERREIRINHA; CARVALHO, 2012; LEANDRO, 2009; ROSSETE, 1994) e pode contribuir para o consequente aumento do estresse.

O julgamento na GR é baseado na avaliação das dificuldades realizadas pela ginasta e nas faltas técnicas e artísticas cometidas, sendo que o desempenho das atletas é traduzido em forma de notas finais de zero a vinte pontos, que são atribuídas pelos árbitros (HEINEN; VINKEN; VELENTZAS, 2012; LOURENÇO, 2013). Os árbitros avaliam as ginastas através de anotações feitas a partir da observação dos exercícios (séries ou composições). Para isso, eles devem conhecer inúmeros símbolos, valores de penalidades e critérios de julgamento, para que possam tomar suas decisões rapidamente e de forma correta (FERREIRINHA; CARVALHO, 2012).

O elevado grau de subjetividade presente na avaliação na GR e o fato de ter que aplicar as exigências do Código de Pontuação em um espaço de tempo reduzido, fazem com que os árbitros passem por dificuldades relacionadas com a objetividade das suas decisões no desempenho da sua função (LEANDRO, 2009; ROSSETE, 1994). Estes fatores podem ser estressores na atividade destes profissionais, podendo comprometer a percepção do árbitro em

seu julgamento e, conseqüentemente, o resultado dos atletas e das competições. A função do árbitro de GR se estabelece em um processo contínuo de tomada de decisões com muita pressão, que são feitas por meio de processos subjetivos de avaliação de determinadas situações, estressoras ou não.

Mediante os argumentos expostos acima e devido a pouca produção científica relacionada à temática, torna-se relevante ampliar a base de investigações sobre os fatores causadores de estresse em árbitros de GR. Uma revisão sistemática da produção científica relacionada aos malefícios causados pelo estresse em árbitros de ginástica torna-se fundamental para uma maior compreensão deste assunto e para que seja possível elaborar programas de treinamento psicológico capazes de ensinar técnicas de controle do estresse a estes profissionais, objetivando melhorar o seu desempenho no julgamento deste esporte (COSTA et al., 2010; CUSKELLY; HOYE, 2013; SAMULSKI; SILVA, 2009). Dessa forma, este artigo tem como objetivo fazer uma revisão sistemática sobre o estresse na arbitragem de GR.

MÉTODO

Trata-se de uma revisão sistemática (AKOBENG, 2005; SAMPAIO; MANCINI, 2007). A técnica utilizada neste estudo segue as mesmas diretrizes adotadas em outras investigações desta natureza (AKOBENG, 2005; BARBIERI et al., 2013; RUMBOLD; FLETCHER; DANIELS, 2012; SAMPAIO; MANCINI, 2007) e tem se mostrado uma ferramenta eficiente para este tipo de investigação cujo objetivo é aumentar a base de informações sobre uma determinada temática.

O método de busca utilizado consistiu no emprego das seguintes fontes principais para localizar estudos sobre o estresse em árbitros de GR: (a) bases de dados Scopus, SPORTDiscus, SocINDEX e Web of Science do portal de periódicos da Capes e (b) Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

As combinações de palavras-chaves incluíram os seguintes descritores/termos nos idiomas português e inglês: estresse (*stress*), fontes/fatores de estresse (*sources/factors of stress*), árbitros (*referees, officials, judges*), arbitragem (*refereeing, officiating, judging*), ginástica rítmica

(*rhythmic gymnastics*), ginástica (*gymnastics*) e esporte (*sport*).

Na primeira análise não foram encontrados artigos científicos específicos que incluíssem os três descritores principais (estresse, arbitragem e ginástica rítmica). Com isso, o filtro foi ampliado para outras modalidades esportivas, sendo realizada uma nova busca com os descritores relacionados à arbitragem esportiva e ao estresse.

Para serem incluídos, os artigos deveriam: (a) ser publicado nos idiomas inglês ou português; (b) o estudo ter sido realizado na área do estresse biopsicossocial relacionado à arbitragem esportiva, preferencialmente nas modalidades de ginástica; (c) ter sido publicado em periódicos revisados por pares no período de janeiro de 1993 à maio de 2013.

RESULTADOS

O tema do estudo foi investigar os fatores causadores de estresse em árbitros de GR. Conforme demonstra a Figura 1, não foram encontrados artigos a partir da análise associada dos descritores (estresse, árbitros e ginástica rítmica) nos idiomas português e inglês.



Figura 1 – Fluxograma de identificação de artigos para revisão sistemática.
Fonte: Autores.

Pelo fato de não terem sido encontrados estudos específicos na ginástica, a base de pesquisa sobre o estresse na arbitragem foi ampliada para outras modalidades esportivas. Neste segundo momento foram encontrados 99 artigos através da combinação dos descritores de estresse, arbitragem e esporte. Após este levantamento foi realizada uma análise minuciosa dos títulos e resumos dos artigos para a seleção dos artigos relacionados a uma abordagem tridimensional (aspectos biológicos, psicológicos e sociais) do estresse em árbitros, em especial. Foram excluídos, nesta etapa, 78

artigos. Ao final deste processo foram identificados 21 artigos que atendiam as normas estabelecidas nesta revisão (Figura 1).

O Quadro 1 apresenta uma síntese dos objetivos e métodos dos artigos selecionados. Observa-se um predomínio de utilização de questionários por parte dos estudos para avaliar o estresse em árbitros esportivos e um foco de investigações em modalidades coletivas.

O Quadro 2 apresenta uma síntese dos principais resultados encontrados nestes estudos, dentro de uma perspectiva de avaliação tridimensional do estresse.

CÓDIGO E AUTORES	OBJETIVOS	AMOSTRA	INSTRUMENTO
(1) Anshel, Kang e Jubenville (2013)	Desenvolver e calibrar as fontes da escala de estresse agudo para árbitros esportivos (SASS-SO) usando o modelo de Rasch.	13 modalidades, incluindo ginástica (n=3300)	Questionário (SASS-SO)
(2) Anshel e Weinberg (1996)	Examinar culturalmente as respostas de enfrentamento dos árbitros de basquete para estressores agudos selecionados.	Basquete (n=137)	Questionário (BOSSI)
(3) Costa et al. (2010)	Identificar os principais fatores causadores de estresse em árbitros de futebol de campo.	Futebol (n=102)	Questionário (TEPA)
(4) Cuskelly e Hoye (2013)	O estresse na arbitragem, empenho e apoio organizacional preveem a intenção dos árbitros de se manterem na carreira? Qual é a eficácia do apoio organizacional em aumentar a intenção dos árbitros continuarem na carreira?	Rugby (n=82)	Questionário (OSOS)
(5) Rose Júnior, Pereira e Lemos (2002)	Identificar quais as situações de jogo são causadoras de "stress" para árbitros de basquete.	Basquete (n=20)	Entrevista semiestruturada desenvolvida pelos autores
(6) Dorsch e Paskevich (2007)	Explorar a influência que o nível de certificação tem sobre as fontes e a intensidade das experiências de eventos estressantes em árbitros de hóquei no gelo.	Hóquei (n=421)	Questionário (HOSSI)
(7) Duda, Borysowicz e Germaine (1996)	Relatar os resultados de um projeto exploratório de grande escala sobre os determinantes das respostas de estresse entre juízes de ginástica artística feminina.	Ginástica Artística (n=647)	Questionário + entrevista (desenvolvidos pelos autores)
(8) Ferreira et al. (2009)	Verificar as situações causadoras de estresse em árbitros federados de futsal.	Futsal (n=56)	Questionário (TEPA)
(9) Friman, Nyberg e Norlander (2004)	Descobrir como os árbitros lidam com ameaças e agressões direcionadas para árbitros de futebol.	Futebol (n=7)	Entrevista (EPP)
(10) Gencay (2009)	Identificar a magnitude do estresse psicológico relatado por árbitros de futebol.	Futebol (n=156)	Questionário desenvolvido pelos autores
(11) Kaissidis-Rodafinos, Anshel e Porter (1997)	Estabelecer de que forma as estratégias de <i>coping</i> e avaliações situacionais estão relacionadas com a consistência de utilização de estratégias de abordagem e de enfrentamento após três eventos estressantes relacionados com o jogo.	Basquete (n=133)	Questionário (MBSS e CSI)

Continuação do Quadro 1...

(12) Mirjamali et al. (2012)	Estudar as fontes de estresse em árbitros nacionais e internacionais de futebol, vôlei, basquete e handebol no Irã.	Futebol, vôlei, basquete e handebol (n=252)	Questionário (SOSS)
(13) Rainey (1995)	Examinar as fontes de estresse, <i>burnout</i> e intenções de abandono em árbitros de beisebol/softbol.	Beisebol/softbol (n=782)	Questionário (SOSS)
(14) Rainey (1999)	Examinar as fontes de estresse, <i>burnout</i> e intenções de abandono em árbitros de basquete.	Basquete (n=721)	Questionário (SOSS)
(15) Rainey e Hardy (1999)	Examinar as fontes de estresse, <i>burnout</i> e intenções de abandono em árbitros de rugby.	Rugby (n=682)	Questionário (SOSS)
(16) Silva et al. (2010)	Avaliar as situações desencadeadoras de estresse em árbitros de basquete e vôlei.	Basquete e vôlei (n=46)	Questionário (TEPA)
(17) Stewart e Ellery (1994)	Examinar as fontes e a magnitude do estresse psicológico percebido.	Vôlei (n=352)	Questionário (OSOS)
(18) Stewart et al. (2004)	Examinar quais fontes e a magnitude do estresse psicológico percebido são consistentes com estudos anteriores com árbitros de outras modalidades.	Basquete (n=324)	Questionário (OSOS)
(19) Tsorbatzoudis et al. (2005)	Examinar as fontes de estresse percebido em árbitros gregos de handebol.	Handebol (n=84)	Questionário (HOSS)
(20) Voight (2009)	Determinar as fontes de estresse e estratégias de <i>coping</i> em árbitros norte-americanos de futebol.	Futebol (n=200)	Questionário (SOSQ)
(21) Wolfson e Neave (2007)	Dar a oportunidade de árbitros de futebol explicarem acerca das reações a críticas e abusos.	Futebol (n=42)	Questionário desenvolvido pelos autores

Quadro 1 – Síntese dos objetivos e métodos dos estudos selecionados.

Fonte: Autores.

CÓD. AUTORES	PRINCIPAIS RESULTADOS
1	Os principais estressores estão relacionados a cometer erros de arbitragem e estar mal posicionado ao tomar uma decisão.
2	As estratégias de enfrentamento utilizadas por ambos os grupos foram identificadas através de dois fatores, o tipo de estressor e as diferenças culturais.
3	Principais estressores: não poder cumprir uma escala, falta de responsabilidade do colega/outras pessoas, falta de reconhecimento profissional.
4	Os resultados suportam pesquisas anteriores que estressores e compromisso explicam a intenção de continuar ou não na carreira.
5	Os principais estressores foram: o colega de arbitragem sofrer agressão física, o árbitro sofrer agressão física, cometer erros de arbitragem.
6	Principais estressores: ameaça de agressão, dificuldades de trabalhar com o parceiro, confrontos com treinadores.
7	Os resultados apontam que os principais estressores foram demandas da carreira, confrontos com treinadores, preocupações com o desempenho na arbitragem.
8	Principais estressores: falta de responsabilidade do colega/outras pessoas, chegar tarde ou atrasado no local do jogo e cometer erros de arbitragem.
9	Ameaças, violência física e verbal são fatores de estresse para os árbitros.
10	Árbitros de futebol sofrem estresse leve a moderado nas dimensões psicológica, social e biológica.
11	Os resultados apontam para existência de diferenças individuais na percepção de estresse, controle e estilos de enfrentamento (<i>coping</i>).
12	Principais estressores: preocupações com o desempenho, problemas pessoais e medo de cometer erros de arbitragem.
13	Principais estressores: medo de cometer erros de arbitragem, pressão de tempo e conflitos interpessoais.

Continuação do Quadro 2...

14	Principais estressores: preocupações com o desempenho, conflitos interpessoais e pressão de tempo.
15	Principais estressores: conflitos interpessoais e pressão de tempo
16	Principais estressores: cometer erros de arbitragem seguidamente, falta de responsabilidade do colega/outras pessoas, não ter reconhecimento/valorização
17	Principais estressores: medo de cometer erros de arbitragem, pressão de tempo e conflitos interpessoais.
18	Principais estressores: atuar em um jogo agressivo e cometer erros de arbitragem.
19	Principais estressores: tomar uma decisão errada, falta de cooperação do parceiro, atuar em um jogo importante.
20	Principais estressores: conflitos entre a carreira de árbitro e a família, cometer erros de arbitragem e demandas da carreira.
21	Principais estressores: fazer uma atuação ruim, protestos de pessoas leigas e sofrer abuso verbal.

Quadro 2 – Síntese dos principais resultados dos estudos selecionados.

Fonte: Autores.

DISCUSSÃO

Para uma melhor compreensão dos fatores estressantes que prejudicam o desempenho dos árbitros esportivos e a sua respectiva classe de manifestação, a discussão foi organizada em três subáreas da tridimensionalidade do estresse: (a) estresse social; (b) estresse psicológico; e (c) estresse biológico. Apesar de o estresse ser uma variável onde os componentes físico, psicológico e social estão em constante interação, é possível identificar características e peculiaridades de cada uma das subáreas desta variável.

Em função do número restrito de artigos encontrados associados à temática (estresse em árbitros de ginástica), adotou-se como estratégia de discussão do tema proposto a relação com outras fontes bibliográficas (livros, anais, teses e dissertações), com a finalidade de contrapor e explorar de forma mais específica os fatores relacionados ao estresse de árbitros de ginástica.

Estresse social

Os fatores estressantes de origem no sistema social, identificados na revisão sistemática, estão relacionados com as especificidades do contexto/ambiente em que estes árbitros estão inseridos, com o relacionamento com as demais pessoas envolvidas nas competições (outros árbitros, atletas, treinadores, espectadores) e com a logística dos eventos em que atuam.

Na revisão sistemática, fatores como a falta de responsabilidade e/ou cooperação por

parte dos colegas e as dificuldades em atuar conjuntamente com determinados indivíduos estão presentes na atividade de árbitros de modalidades coletivas (COSTA et al., 2010; DORSCH; PASKEVICH, 2007; SILVA et al., 2010; TSORBATZOUZDIS et al., 2005). De uma forma geral, os estudos têm identificado problemas de relacionamento social, não só entre os árbitros, como um fator de estresse que atinge a arbitragem de diferentes esportes (DORSCH; PASKEVICH, 2007; FRIMAN; NYBERG; NORLANDER, 2004; MIRJAMALI et al., 2012; RAINEY, 1995, 1999; RAINEY; HARDY, 1999; ROSE JÚNIOR; PEREIRA; LEMOS, 2002; VOIGHT, 2009).

Friman, Nyberg e Norlander (2004) afirmam que as ameaças e conflitos provenientes dos espectadores são o maior fator de estresse para árbitros de futebol. As agressões verbais e ameaças sofridas pelos árbitros durante suas atuações foram fatores de estresse recorrentes nesta revisão (DORSCH; PASKEVICH, 2007; ROSE JÚNIOR; PEREIRA; LEMOS, 2002; WOLFSON; NEAVE, 2007). Estudos apontam que os conflitos e ameaças/abusos sofridos pelos árbitros por parte dos treinadores e atletas podem, inclusive, ser um dos fatores que levam alguns árbitros a desistirem de suas carreiras esportivas (PEREIRA; ALADASHVILE; SILVA, 2006; RAINEY; HARDY, 1999).

Os julgamentos diferenciados ocasionam estresse e insatisfações não só entre os árbitros, mas também entre treinadores, atletas e espectadores (FERREIRINHA; CARVALHO, 2012; WOLFSON; NEAVE, 2007). Estes

conflitos, oriundos de desacordos no julgamento e, conseqüentemente, nas notas das ginastas (PLESSNER, 1999), potencializam o surgimento de fatores estressantes sociais entre todos os envolvidos neste contexto (ANSHEL; KANG; JUBENVILLE, 2013; ANSHEL; WEINBERG, 1996; STEWART et al., 2004).

De acordo com Duda, Borysowicz e St Germaine (1996), um dos fatores estressantes para árbitros de GA são os conflitos e desacordos que acontecem entre os árbitros durante as competições. Da mesma forma, Rossete (1994) afirma que dentre os mais diversos equívocos presentes na arbitragem de GR, ressaltam aqueles que ocorrem em decorrência da discrepância do julgamento de um mesmo exercício de um atleta por diferentes árbitros, normalmente ocasionadas pelas discordâncias de argumentos e/ou de justificativas apresentadas por eles durante as reuniões internas.

Outro fator que gera estresse social nos árbitros de GR está relacionado à organização dos campeonatos em que atuam (PEREDERIJ, 2013). Duda, Borysowicz e St Germaine (1996) afirmam que os problemas organizacionais que os árbitros de GA vivenciam nos eventos que atuam são fatores de estresse para os mesmos. Evidências deste tipo de problema estão relacionadas ao mau posicionamento dos árbitros com relação aos atletas durante seus exercícios (PEREDERIJ, 2013; ROSSETE, 1994). Além de causar estresse (ANSHEL; WEINBERG, 1996; ANSHEL; KANG; JUBENVILLE, 2013; DORSCH; PASKEVICH, 2007; VOIGHT, 2009), o fato de estar em uma posição desfavorável para o julgamento das apresentações influencia diretamente na assertividade da avaliação dos árbitros de ginástica (DALLAS; MAVIDIS; CHAIROPOULOU, 2011).

Confrontando os resultados encontrados na revisão sistemática com os resultados de estudos específicos do contexto das ginásticas, observa-se que estes fatores de estresse social são bastante semelhantes e possuem personagens sociais bem definidos.

Estresse psicológico

Com relação ao estresse psicológico, a revisão apontou que os fatores estão relacionados, principalmente, aos erros de

arbitragem, pressão de tempo e a preocupação com o próprio desempenho.

Evidências apontam que os árbitros se sentem estressados quando tomam decisões erradas independentemente da modalidade em que atuam (ANSHEL; WEINBERG, 1996; COSTA et al., 2010; DORSCH; PASKEVICH, 2007; FERREIRA et al., 2009; RAINEY, 1999; ROSE JÚNIOR; PEREIRA; LEMOS, 2002; VOIGHT, 2009). Rainey (1995) corrobora os achados desta revisão e afirma que o medo de tomar decisões erradas e as preocupações com o nível do seu desempenho são fatores de estresse comuns a árbitros de diferentes esportes.

Mirjamali et al. (2012) identificaram que a pressão de tempo é um fator de estresse presente na realidade dos árbitros de diversas modalidades esportivas como voleibol, futebol, basquete e handebol. Estudos feitos com árbitros de rugby (RAINEY; HARDY, 1999) e beisebol (RAINEY, 1995) também encontraram este fator dentre os mais estressantes.

Este componente de pressão de tempo também se faz presente na ginástica. Após a apresentação da ginasta, o árbitro tem um tempo curto para atribuir a sua nota. Esta pressão de tempo que o árbitro sofre para perceber, avaliar e registrar um exercício constitui-se, portanto, um problema no julgamento da GR (PEREDERIJ, 2013; ROSSETE, 1994) e, conseqüentemente, um fator de estresse psicológico para os mesmos.

Um fator não citado de forma específica nos estudos com árbitros de modalidades coletivas desta revisão é subjetividade presente no processo de avaliação das ações esportivas. A característica artística da ginástica (OLIVEIRA; BORTOLETO, 2009) torna a avaliação e interpretação dos árbitros mais subjetiva (LEANDRO, 2009; ROSSETE, 1994) e esta subjetividade na avaliação acaba potencializando os fatores estressantes de origem psicológica. Os árbitros de GR já sabem que enfrentam este tipo de problema em função da natureza do esporte e da complexidade das regras, logo, a responsabilidade de tomar decisões e não ter um critério objetivo de avaliação acaba por contribuir para que o estresse psicológico aumente nestes profissionais. Este é um dos principais fatores de estresse para os árbitros de GR, pois aumenta a sua responsabilidade

enquanto avaliador do desempenho das ginastas (LEANDRO, 2009) e possibilita um maior número de erros e desacordos das notas e no julgamento (FERREIRINHA; CARVALHO, 2012). Além disso, estas variações nas notas podem desencadear uma série de outros fatores estressantes para os árbitros (PLESSNER, 1999).

Outra característica da GR, e também da GA (OLIVEIRA; BORTOLETO, 2009), são as constantes mudanças que acontecem nas regras destas modalidades. Esta situação é um fator causador de estresse nos árbitros de ginástica já que com frequência os árbitros tem que adaptar seus critérios e formas de avaliar às novas regras (DUDA; BORYSOWICZ; ST GERMAIN, 1996). Ao identificar os fatores de estresse em árbitros norte-americanos de GA, Duda, Borysowicz e St Germaine (1996) encontraram que um dos fatores de estresse para os árbitros desta modalidade está relacionado às dificuldades que eles apontam em acompanhar as constantes mudanças das regras e o desenvolvimento da ginástica.

Dessa forma, é possível notar que os fatores estressantes de ordem psicológica que são comuns aos árbitros de ginástica e das demais modalidades estão relacionados à pressão de tempo que estes profissionais sofrem para tomarem suas decisões, com o medo de ter um desempenho ruim e cometer erros de arbitragem. Dentre os fatores de estresse psicológico não mencionados nesta revisão, porém específicos da GR, podem ser destacados as frequentes alterações que acontecem nas regras desta modalidade e a subjetividade presente no julgamento.

Estresse biológico

O estresse proveniente da dimensão biológica está ligado às demandas físicas que os árbitros sofrem durante suas atuações. Poucos fatores de estresse biológico foram evidenciados dentre os principais resultados desta revisão, mas são fatores presentes na atuação dos árbitros esportivos e estão relacionados com as características ambientais específicas de cada modalidade.

A arbitragem da GR requer muito pouco do árbitro do ponto de vista físico (LEANDRO, 2009), já que estes profissionais atuam assentados e não dependem diretamente do seu

condicionamento físico para isto. A intensidade do esforço físico realizado pelos árbitros de GR durante uma competição é menor do que o exigido de árbitros de modalidades esportivas coletivas (LEANDRO, 2009; SILVA; FERNANDES; FERNANDEZ, 2008). Isso se deve ao fato de que os árbitros de modalidades esportivas coletivas, normalmente, dependem mais de sua condição física para arbitrar (CASTAGNA; ABT; D'OTTAVIO, 2007; HELSEN; BULTYNCK, 2004).

Entretanto, também existem algumas similaridades de fatores estressantes de ordem biológica que ocorrem em árbitros de qualquer modalidade esportiva, como por exemplo, arbitrar doente, com indisposições ou dores de cabeça e lesões em alguma parte do corpo (DUDA; BORYSOWICZ; ST GERMAINE, 1996; ROSE JÚNIOR; PEREIRA; LEMOS, 2002).

Outra situação da arbitragem de GR, relativa à dimensão biológica da atuação dos árbitros, é o fato de que algumas competições são de longa duração e com poucos intervalos de descanso (LEANDRO, 2009; PEREDERIJ, 2013). O cansaço proveniente da atuação por mais de seis horas e/ou da atuação em competições com muitas ginastas é um fator de estresse para os árbitros de ginástica (DUDA; BORYSOWICZ; ST GERMAINE, 1996; PEREDERIJ, 2013), além de prejudicar a qualidade e assertividade das suas decisões (ROSSETE, 1994; LEANDRO, 2009). Quanto mais cansado o árbitro está, menos atento ele consegue permanecer ao avaliar os exercícios das ginastas (LEANDRO, 2009), podendo assim prejudicar o seu rendimento e a coerência de suas notas (PEREDERIJ, 2013).

Perederij (2013) analisou os fatores objetivos e subjetivos que influenciam negativamente a atuação de árbitros de GR. Os árbitros que participaram deste estudo apontaram que o cansaço e as competições com programações muito densas (muitas ginastas e poucos intervalos de descanso) são os fatores que mais os prejudicam no exercício de suas funções. Os intervalos de descanso dos árbitros são estabelecidos de acordo com a programação das competições em que atuam e em competições longas estes intervalos são mais curtos e menos frequentes. Essa situação pode desencadear uma série de demandas fisiológicas

sofridas pelos árbitros durante sua atuação como fome, sede e vontade de ir ao banheiro (GENCAY, 2009; PEREDERIJ, 2013). Duda, Borysowicz e St Germaine (1996) afirmam que os árbitros de ginástica consideram estas demandas acima citadas como fatores de estresse em suas atuações. Além disso, atuar por muitas horas seguidas pode desencadear uma série de dores nos árbitros pelo fato de permanecerem muito tempo em uma mesma posição ou até mesmo dores de cabeça, constituindo mais um fator de estresse biológico para os árbitros de ginástica (LEANDRO, 2009).

Quanto aos fatores estressantes da arbitragem não só da GR, relacionados à dimensão biológica, conclui-se que eles estão ligados às diferentes desestabilizações psicofísicas sofridas por estes profissionais, que podem ser causadas pelas demandas fisiológicas que os árbitros sofrem durante suas atuações, por alguma indisposição física e pelo cansaço devido ao longo tempo de atuação em um mesmo período do dia.

Cabe ressaltar algumas limitações deste estudo, a primeira está relacionada ao fato de terem sido analisados somente artigos publicados nos últimos 20 anos nos idiomas inglês e português. Estes critérios podem ter provocado a exclusão de algum artigo em outro idioma relacionado ao tema de estudo. Outro fator diz respeito à análise de artigos que avaliaram o estresse sobre uma perspectiva biopsicossocial, pois trabalhos que avaliaram o estresse de árbitros por uma perspectiva unidimensional seja ela física, psicológica ou social foram excluídos.

Ainda sim, apesar destes limitadores, este estudo apresenta como principal contribuição a realização de um levantamento sistematizado e específico sobre os fatores estressantes biopsicossociais que interferem na atuação dos árbitros e suas associações com o contexto das ginásticas, em especial da GR.

Somente com a identificação destes grupos de fatores será possível avançar cientificamente em direção ao entendimento dos mesmos e também à construção de programas de treinamento psicológico específicos para diferentes modalidades que visam auxiliar estes árbitros a enfrentarem estes estressores e melhorarem o seu desempenho nas modalidades em atuação.

CONCLUSÕES

Conclui-se que a produção científica relacionada ao tema é escassa. Apesar de existirem poucos estudos que avaliaram o estresse de árbitros no contexto das diferentes modalidades de ginástica, os fatores sociais, psicológicos e biológicos não diferem de forma contundente entre as modalidades esportivas, sejam elas coletivas ou individuais.

Observa-se que apesar dos fatores de estresse dos árbitros possuem uma perspectiva tridimensional, que envolve as dimensões social, psicológica e biológica, eles possuem particularidades que são inerentes, principalmente, às características de cada modalidade.

Outra variável que cabe destacar está relacionada ao fato dos estressores, sejam eles biológicos, psicológicos ou sociais, possuem características singulares, de forma que a sua identificação dentro de uma determinada dimensão é muito nítida e clara para todas as modalidades esportes.

O levantamento destes fatores, neste tipo de estudo, reforça a premissa que para combater um problema, primeiro é necessário identificar a(s) causa(s) deste malefício, conseguindo agrupar estes fatores em dimensões ou grandes grupos, e estudá-los de forma específica para cada esporte. Somente após este mapeamento será possível estabelecer estratégias de enfrentamento e programas de intervenção eficazes para combater os fatores estressantes que assolam a arbitragem no geral, e aqui, em específico, na GR.

Por fim, é importante destacar que a literatura científica precisa avançar no entendimento destes fatores através de estudos experimentais que elucidem os mecanismos de ação do estresse nesta amostragem, possibilitando, assim, o desenvolvimento de programas cientificamente fundamentados, que proporcionem aos árbitros uma preparação física, psicológica e social mais adequada para enfrentar o estresse inerente a sua função esportiva.

STRESS IN RHYTHMIC GYMNASTICS REFEREEING: A SYSTEMATIC REVIEW
ABSTRACT

The stress on referees has been a subject of study in several sports, however little is known about the interferences of this construct in the activity of referees of rhythmic gymnastics (RG). The aim of this study was to do a systematic review about the stress on RG's judging. Was held a search for articles published between 1993 and 2013 in the databases Scopus, SPORTDiscus, SocINDEX and Web of Science. The results point to a reduced number of publications about stress in gymnastics' referees and also in other sports. Different characteristics were identified between stress types of gymnastics and other sports. It is concluded that stress that affects the labour activities of RG's referees has biopsychosocial characteristics and there is need for greater intellectual productivity in this area, in order to advance in the understanding of how these variables interfere in the performance of these professionals.

Keywords: Sport Psychology. Referee. Gymnastics.

REFERÊNCIAS

- AKOBENG, A. K. Understanding systematic reviews and meta-analysis. **Archives of Disease in Childhood**, Londres, v. 90, n. 8, p. 845-848, 2005.
- ANSHEL, M. H.; WEINBERG, R. S. Coping with acute stress among american and australian basketball referees. **Journal of Sport Behavior**, Alabama, v. 19, n. 3, p. 180-203, 1996.
- ANSHEL, M. H.; KANG, M.; JUBENVILLE, C. Sources of acute sport stress scale for sports officials: Rasch calibration. **Psychology of Sport and Exercise**, Philadelphia, v. 14, n. 3, p. 362-370, maio 2013.
- BARBIERI, F. A.; VITÓRIO, R.; SANTOS, P. C. R.; GOBBI, L. T. B. Revisão sistemática do efeito do envelhecimento no andar livre e adaptativo. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 24, n. 1, p. 135-143, 2013.
- BOEN, F.; VAN HOYE, K.; AUWEELE, Y. V.; FEYW, J.; SMITS, T. Open feedback in gymnastic judging causes conformity bias based on informational influencing. **Journal of Sports Sciences**, Londres, v. 26, n. 6, p. 621-628, Apr. 2008.
- CASTAGNA, C.; ABT, G.; D'OTTAVIO, S. Physiological aspects of soccer refereeing performance and training. **Sports Medicine**, Auckland, v. 37, n. 7, p. 625-46, Jan. 2007.
- COSTA, V. T.; FERREIRA, R. M.; PENNA, E. M.; SAMULSKI, D. M.; MORAES, L. C. C. A. Comparação dos níveis de estresse, recuperação e burnout em treinadores de futsal e futebol brasileiros através do RESTQ-COACH. **Motricidade**, Vila Real, v. 8, n. s2, p. 937-945, 2012.
- COSTA, V. T.; FERREIRA, R. M.; PENNA, E. M.; COSTA, I. T.; NOCE, F.; SIMIM, M. A. M. Análise estresse psíquico em árbitros de futebol. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 2-16, 2010.
- CUSKELLY, G.; HOYE, R. Sports officials' intention to continue. **Sport Management Review**, Ontario, v. 16, n. 4, p. 451-464, 2013.
- DALLAS, G.; MAVIDIS, A.; CHAIROPOULOU, C. Influence of angle of view on judges' evaluations of inverted cross in men's rings. **Perceptual and Motor Skills**, Missoula, v. 112, n. 1, p. 109-121, Feb. 2011.
- DORSCH, K. D.; PASKEVICH, D. M. Stressful experiences among six certification levels of ice hockey officials. **Psychology of Sport and Exercise**, Philadelphia, v. 8, n. 4, p. 585-593, 2007.
- DUDA, J. L.; BORYSOWICZ, M. A. B.; ST GERMAINE, K. Women's artistic gymnastics judges' sources of stress. **Technique**, Washington, v. 16, n. 10, p. 1-5, 1996.
- FERREIRA, H. C. A.; SIMIM, M. A. M.; NOCE, F.; SAMULSKI, D. M.; COSTA, V. T. Análise do estresse psíquico em árbitros de futsal. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, Várzea Paulista, v. 8, n. 1, p. 43-48, 2009.
- FERREIRINHA, J.; CARVALHO, J. Tendências e desvios no ajuizamento em ginástica. **Revista ENGym**, Lisboa, v. 1, n. 2, p. 2-3, 2012.
- FLETCHER, D.; SCOTT, M. Psychological stress in sports coaches: a review of concepts, research, and practice. **Journal of Sports Sciences**. Londres, v. 28, n. 2, p. 127-137, 2010.
- FRIMAN, M.; NYBERG, C.; NORLANDER, T. Threats and aggression directed at soccer referees : an empirical phenomenological psychological study. **The Qualitative Report**, Flórida, v. 9, n. 4, p. 652-672, 2004.
- GENCAY, S. Magnitude of psychological stress reported by soccer referees. **Social Behavior and Personality**, Palmerston North, v. 37, n. 7, p. 865-868, 2009.
- HEINEN, T.; VINKEN, P. M.; VELENTZAS, K. Judging performance in gymnastics: a matter of motor or visual experience? **Science of Gymnastics Journal**, Ljubljana v. 4, n. 1, p. 63-72, 2012.
- HELSEN, W.; BULTYNCK, J. Physical and perceptual-cognitive demands of top-class refereeing in association football. **Journal of Sports Sciences**, Londres, v. 22, n. 2, p. 179-189, feb. 2004.

- KAISSIDIS-RODAFINOS, A.; ANSHEL, M. H.; PORTER, A. Personal and situational factors that predict coping strategies for acute stress among basketball referees. **Journal of Sports Sciences**, Londres, v. 15, n. 4, p. 427-436, ago. 1997.
- LEANDRO, C. **Avaliação do desempenho de juizes de ginástica rítmica**. 2009. 110f. Dissertação (Mestrado em Desporto para Crianças e Jovens)-Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Porto, 2009.
- LESKOŠEK, B.; ČUK, I.; PAJEK, J.; FORBES, W.; BUČAR-PAJEK, M. Bias of judging in men's artistic gymnastics at the european championship 2011. **Biology of Sport**, Warsaw, v. 29, n. 2, p. 107-113, Apr. 2012.
- LOURENÇO, M. R. A. O julgamento na ginástica rítmica. In: GAIO, R. (Org.). **Ginástica Rítmica: da iniciação ao alto nível**. 2. ed. Jundiaí: Fontoura, 2013. p. 21-32.
- MELLALIEU, S. D.; NEIL, R.; HANTON, S.; FLETCHER, D. Competition stress in sport performers: stressors experienced in the competition environment. **Journal of Sport Sciences**, Londres, v. 27, n. 7, p. 729-744, 2009.
- MIRJAMALI, E.; RAMZANINEZHAD, R.; RAHMANINIA, F.; REIHAMI, M. Study of sources of stress in international and national referees of soccer, volleyball, basketball and handball in Iran. **World Journal of Sport Sciences**, Dubai, v. 6, n. 4, p. 347-354, 2012.
- NITSCH, J. R. Ecological approaches to sport activity : a commentary from an action-theoretical point of view. **International Journal of Sport Psychology**, Roma, v. 40, n. 1, p. 152-176, 2009.
- OLIVEIRA, M. S.; BORTOLETO, M. A. C. O código de pontuação da ginástica artística masculina ao longo dos tempos. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 20, n. 1, p. 97-107, 2009.
- PEREDERIJ, V. The problem of the quality of judging in rhythmic gymnastics. **Pedagogics, Psychology, Medical-biological Problems of Physical Training and Sports**, Kharkov, v. 63, n. 3, p. 43-46, 2013.
- PEREIRA, A. J.; ALADASHVILE, G. A.; SILVA, A. I. Causas que levam alguns árbitros a desistirem da carreira de árbitro profissional. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 17, n. 2, p. 185-192, 2006.
- PIRES, D. A.; COSTA, V. T.; SAMULSKI, D. M. Prevenção e controle do estresse, overtraining e burnout. **Avances de la Psicología del Deporte en Iberoamérica**, Bogotá, v. 1, n. 1, p. 41-55, 2012.
- PLESSNER, H. Expectation biases in gymnastic judging. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, Champaign, v. 21, n. 2, p. 131-144, 1999.
- POPOVIC, R. International bias detected in judging rhythmic gymnastics competition at Sydney 2000 Olympic Games. **Physical Education and Sport**, Londres, v. 1, n. 7, p. 1-13, 2000.
- RAINEY, D. W. Stress, burnout, and intention to terminate among umpires. **Journal of Sport Behavior**, Alabama, v. 18, n. 4, p. 312-323, 1995.
- RAINEY, D. W. Sources of stress, burnout, and intention to terminate among basketball referees. **Journal of Sport Behavior**, Alabama, v. 22, n. 4, p. 578-590, 1999.
- RAINEY, D. W.; HARDY, L. Sources of stress, burnout and intention to terminate among rugby union referees. **Journal of Sports Sciences**, Londres, v. 17, n. 10, p. 797-806, Oct. 1999.
- ROSE JÚNIOR, D. A competição como fonte de estresse no esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 10, n. 4, p. 19-26, 2002.
- ROSE JÚNIOR, D.; PEREIRA, F. P.; LEMOS, R. F. Situações específicas de jogo causadoras de 'stress' em oficiais de basquetebol. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 160-173, 2002.
- ROSSETTE, E. F. C. **O julgamento na ginástica rítmica desportiva**. 1994. 105f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Escola de Educação Física, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1994.
- RUMBOLD, J.; FLETCHER, D.; DANIELS, K. A systematic review of stress management interventions with performers. **Sport, Exercise, and Performance Psychology**, Washington, v. 1, n. 3, p. 173-193, 2012.
- SAMPAIO, R. F.; MANCINI, M. C. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Revista Brasileira de Fisioterapia**, São Carlos, v. 11, n. 1, p. 83-89, jan./fev. 2007.
- SAMULSKI, D. M.; SILVA, S. A. Psicologia aplicada à arbitragem. In: SAMULSKI, D. M. **Psicologia do esporte: conceitos e novas perspectivas**. Barueri: Manole, 2009. p. 461-486.
- SAMULSKI, D. M.; CHAGAS, M. H.; NITSCH, J. R. **Stress: teorias básicas**. Belo Horizonte: Costa & Cupertino, 1996.
- SAMULSKI, D. M.; NOCE, F.; CHAGAS, M. H. Estresse. In: SAMULSKI, D. M. **Psicologia do esporte: conceitos e novas perspectivas**. 2. ed. Barueri: Manole, 2009. p. 231-264.
- SILVA, A. I.; FERNANDES, L. C.; FERNANDEZ, R. Energy expenditure and intensity of physical activity in soccer referees during match-play. **Journal of Sports Science and Medicine**, Ankara, v. 7, n. 3, p. 327-334, 2008.
- SILVA, A. H.; COSTA, V. T.; FERREIRA, R. M.; MORAES, L. C. C. A.; SAMULSKI, D. M. Análise do estresse psíquico em árbitros de voleibol e basquetebol federados de Minas Gerais. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, Várzea Paulista, v. 9, n. 2, p. 53-58, 2010.
- STE-MARIE, D. M. International bias in gymnastic judging: conscious or unconscious influences? **Perceptual and Motor Skills**, Missoula, v. 83, n. 3, p. 963-975, 1996.

STEWART, M. J.; ELLERY, P. J. Sources and magnitude of perceived psychological stress in high school volleyball officials. **Perceptual and Motor Skills**, Missoula, v. 87, n. 3f, p. 1275-1282, 1998.

STEWART, M. J.; ELLERY, P. J.; ELLERY, J.; MAHER, L. Perceived psychological stress among high school basketball officials. **Perceptual and Motor Skills**, Missoula, v. 99, n. 2, p. 463-469, 2004.

TSORBATZOUZDIS, H.; KASSIDIS-RODAFINOS, A.; PARTEMIAN, S.; GROUIOS, G. Sources of stress among greek team handball referees: construction and validation of the handball officials' sources of stress survey. **Perceptual and Motor Skills**, Missoula, v. 100, n. 3, p. 821-830, 2005.

VOIGHT, M. Sources of stress and coping strategies of US soccer officials. **Stress and Health**, Malden, v. 25, n. 1, p. 91-101, fev. 2009.

WOLFSON, S.; NEAVE. Coping under pressure: cognitive strategies for maintaining confidence among soccer referees. **Journal of Sport Behavior**, Alabama, v. 30, n. 2, p. 232-247, 2007.

Recebido em 30/09/2013

Revisado em 16/05/2014

Aceito em 10/07/2014

Endereço para correspondência: Varley Teoldo da Costa. Laboratório de Psicologia do Esporte (LAPES/UFMG). Av. Presidente Carlos Luz, 4664 – Campus Pampulha - 31310-250. Belo Horizonte / MG, E-mail: vtcosta@hotmail.com